

**ESCULTURAS DEVOCIONAIS EM PERSPECTIVAS DECOLONIAIS: A  
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E OS DESAFIOS DA HISTÓRIA SOCIAL DA ARTE**

***DEVOTIONAL SCULPTURES IN DECOLONIAL PERSPECTIVES: HERITAGE  
EDUCATION AND THE CHALLENGES OF THE SOCIAL HISTORY OF ART***

***ESCULTURAS DEVOCIONALES EN PERSPECTIVAS DECOLONIALES: LA  
EDUCACIÓN PATRIMONIAL Y LOS DESAFÍOS DE LA HISTORIA SOCIAL DEL  
ARTE***

**Jorge Lúcio Matos Silva<sup>1</sup>**  
jorgeluzio@hotmail.com

**RESUMO**

As teorias pós-coloniais, inauguradas com os estudos de Edward Said (1990) e enraizadas na Crítica Literária e nas Ciências Sociais, impactaram os diversos setores e disciplinas das Humanidades, entre as quais a História Social da Arte (Bell, 2008), que encontrou nos fenômenos da Imagem e na cultura material um reflexo deste complexo espectro teórico, artístico, cultural e político, frequentemente desafiado em novos objetos de pesquisa e novas problematizações ao longo da História. Tais diálogos de interculturalidade chegaram nos currículos da educação básica, bem como nos museus, nas instituições de cultura e nos acervos artísticos. Neste panorama as esculturas devocionais não se encontraram incólumes ou distantes dos debates e das abordagens suscitadas. Ao contrário, reafirmaram-se como repositórios de histórias, de diversidades, de religiosidades e das ambivalências do mundo colonial e pós-colonial. Ademais, as análises iconográficas, nesse bojo, possibilitam dialogias com a educação patrimonial, com a arte-educação (Barbosa, 2014) e com o ensino de história (Lúcio, 2022), enquanto releituras do passado colonial.

**Palavras-chave:** decolonialidade; educação; esculturas; história, imagem

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, com estágio doutoral na Universidade de Évora, com pós-graduação em Arte e Cultura Barroca (Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP / MG), atua na História Social da Arte e da Cultura, e no Ensino de História. Professor Adjunto do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Curso de História, Campus dos Malês. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7877403841820609>. Uma versão expandida deste resumo foi apresentada na programação do XII Congresso Internacional da Escultura Devocional – CEIB, de 16 a 18 de novembro de 2022, no auditório Vera Janacópulos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, no Rio de Janeiro. O presente texto desdobra-se da conferência homônima apresentada no evento.

## **ABSTRACT**

Postcolonial theories, inaugurated with the studies of Edward Said (1990), Literary Criticism and Social Sciences, impacted the various sectors and disciplines of the Humanities, including the Social History of Art (Bell, 2008), which found in the Image phenomena and material culture, a reflection of this complex theoretical, artistic, cultural and political spectrum, frequently challenged in new research objects and new problematizations throughout History. Such intercultural dialogues arrived in basic education curricula, as well as in museums, cultural institutions and art collections. In this panorama, devotional sculptures were not unaffected or distant from the debates and approaches raised. On the contrary, they reaffirmed themselves as repositories of histories, diversities, religiosities and ambivalences of the colonial and post-colonial world. Furthermore, the iconographic analyzes, in this context, allow dialogues with heritage education, with art education (Barbosa, 2014) and with the teaching of history (Lúzio, 2022), as reinterpretations of the colonial past.

**keywords:** decoloniality; education; sculptures; history; image,

## **RESUMEN**

Las teorías poscoloniales, inauguradas con los estudios de Edward Said (1990) y arraigadas en la Crítica Literaria y las Ciencias Sociales, impactaron en los diversos sectores y disciplinas de las Humanidades, incluida la Historia Social del Arte (Bell, 2008), que encontró en los fenómenos de Imagen y cultura material reflejo de este complejo espectro teórico, artístico, cultural y político, cuestionado frecuentemente en nuevos objetos de investigación y nuevas problematizaciones a lo largo de la Historia. Dichos diálogos interculturales llegaron a los currículos de educación básica, así como a museos, instituciones culturales y colecciones de arte. En este panorama, la escultura devocional no fue ajena ni ajena a los debates y planteamientos suscitados. Por el contrario, se reafirmaron como depositarios de historias, diversidades, religiosidades y ambivalencias del mundo colonial y poscolonial. Además, los análisis iconográficos, en este contexto, permiten diálogos con la educación patrimonial, con la educación artística (Barbosa, 2014) y con la enseñanza de la historia (Lúzio, 2022), como reinterpretaciones del pasado colonial.

**Palabras clave:** decolonialidad; educación; Esculturas; Historia; Imagen.

## **INTRODUÇÃO**

O historiador Roger Chartier revisitou a sua produção bibliográfica e refletiu sobre as “crises da história” e os decorrentes debates historiográficos, ao identificar algumas discussões pontuais, entre as quais, a relação entre o lugar social em que a história como saber se produz, ou seja, na universidade, conforme vemos nos ensaios do seu livro intitulado “A História ou a leitura do tempo” (CHARTIER, 2009). O autor de “o mundo como representação”, texto bastante conhecido do livro “À beira da falésia”(CHARTIER, 2002), avistou o descortinar de novas abordagens historiográficas e perspectivas teórico-metodológicas, no devir da primeira década do novo milênio. Neste ambiente já estavam postos alguns desafios sobre o trabalho

historiográfico, como os diálogos com perspectivas emergentes, a exemplo dos Estudos Subalternos<sup>2</sup>, ou a influência das novas tecnologias no acesso às fontes da História.

É deste contexto que se ressaltam as teorias pós-coloniais, ao amplificar a crítica da pós-modernidade, entre as ações e os engajamentos dos movimentos sociais e suas respectivas pautas, e que observam outros sistemas de saberes, a exemplo das oralidades e dos conhecimentos de artistas e de artesãos, também presentes neste cenário. Assim, entre as reflexões, sobre uma historiografia social da arte e da cultura, o tema da representação e das representatividades adentra a este debate, numa dialogia mais ampla que o conceito de representação pressupunha. No caso da Imagem, se décadas antes consolidou-se o seu entendimento como fonte histórica, novas perguntas e novas tarefas viriam a surgir, entre as quais sobre como lidar com os fenômenos sociais em abordagens pós-coloniais presentificados na Imagem que, por sua vez, aprofundou-se igualmente para os historiadores e historiadoras, como um terreno de investigação e debate sobre os dilemas da contemporaneidade, como a repatriação de obras de arte ou a descolonização dos museus. À propósito, as análises, as leituras e as perspectivas de estudos sobre as esculturas devocionais não estão, historicamente, dissociadas de tais contextos e discussões.

## **A ESCULTURA DEVOCIONAL NO ÂMBITO DAS ABORDAGENS DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS / DECOLONIAIS**

No artigo intitulado “Arte e catequese: a escultura devocional de Aleijadinho”, a historiadora e crítica da arte Raquel Quinet Pifano (2011) nos situou sobre o conceito de “imagem de devoção”, de Giulio Carlo Argan, nos estudos sobre o sistema de representação da arte barroca, que o historiador italiano definiu *como um gênero de figuração religiosa estritamente derivada das prescrições tridentinas sobre o legítimo uso das imagens* (Pifano, 2019). Na esteira conceitual do tema, Maria Regina Quites apresentou uma pertinente contribuição de Cristina Pereira, e lembrou sobre a

(...) relevância do estudo das funções das imagens, não no sentido de concepção funcionalista de “servir para” na definição durkheimiana, como se houvera um sistema perfeito, fechado, no qual tudo ocupasse um lugar claramente definido e

---

<sup>2</sup> Também denominado “Subaltern Studies”, foi um movimento intelectual formado por teóricos indianos e ingleses de universidades na Índia e na Inglaterra, surgido ao longo das décadas de 1980 e 1990 que, já ao final do século XX, viu-se bastante articulado na produção acadêmica através da Crítica Pós-Colonial. Ao apresentar relevantes problematizações sobre a relação Colonização e Subalternidade entre ambivalências e dicotomias, tendo a História da Índia e do Império britânico como foco de discussão, influenciou outros grupos e movimentos, com incidência na América Latina. Entre os autores mais amplamente lidos destacam-se Ranajit Guha, Dipesh Chakrabarty, Partha Chatterjee e Gayatri Spivak..

“funcionando” bem. Citando Baschet, a autora diz que, ao contrário, as funções podem ser múltiplas, contraditórias, ambíguas e polivalentes, sem levar em conta ainda a produção e recepção da imagem com todas as relações dialéticas, abertas, ampliadas e problematizadas entre elas. Ainda citando Didi-Huberman, comenta sobre pensar a história das imagens como uma história de unidades rompidas, de restos acomodados, de significações transformadas de associações paradoxais e de anacronismos secretamente agenciados (Quites, 2019, p. 20).

E prosseguiu ao propor pensarmos na imagem medieval, como gênese da escultura devocional. Desse modo, é possível considerar que as imagens votivas estejam

[...] carregadas de sacralidade, como “cuerpos vivos”<sup>3</sup>, além da interdisciplinaridade, já óbvia e inevitável, que lhes é dirigida em pleno século XXI, seria desejável acrescentar o olhar da antropologia e da sociologia durante todo o processo de restauração, incluindo sua devolução à comunidade que a venera.

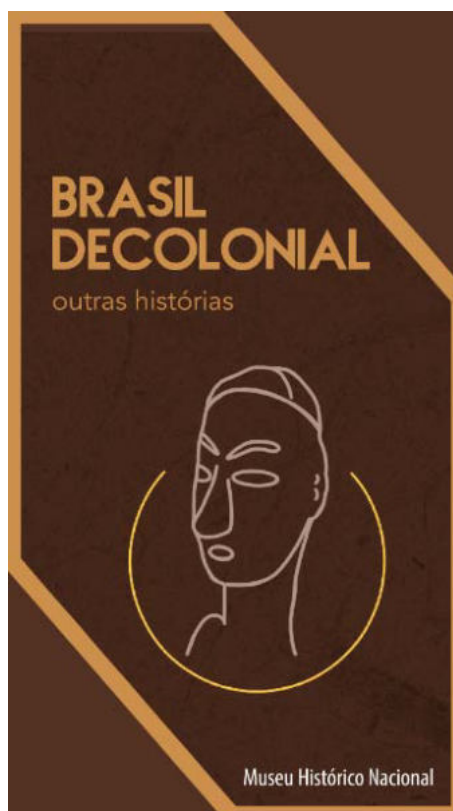
Ao partirmos deste diálogo, bem como do referencial teórico que o sustenta, avançamos para uma interpretação da escultura devocional num prisma crítico e político, a considerar as conjunturas da colonização e os contextos em que foram largamente produzidas, e como se articulam com as teorias pós-coloniais. Em todo o caso, algumas experiências concretas recentes, demonstraram que tais aproximações já tem acontecido neste campo tão desafiador.

No âmbito das instituições, a exposição “Brasil Decolonial: outras histórias”, do Museu Histórico Nacional, inaugurada com a projeção do documentário “Decolonizar: um verbo, uma atitude”, de Bel Palmeira, cujo projeto foi iniciado em 2018, em parceria com a UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) e com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal), permitiu o acesso ao passado colonial, através do acervo de cultura material, de textos e de representações, com ênfase na participação elementar dos povos e das culturas afro-diaspóricas no cotidiano nacional. Entre as intervenções da exposição, a história de Maria Cambinda, uma escultura proveniente de Ouro Preto, cidade palco de inúmeras devoções, tradições e religiosidades negras, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, com origens no século XVIII.

---

<sup>3</sup> Quites APUD SIRACUSANO, Gabriela. Entre Ciencia y Devoción. Reflexiones teóricas e históricas sobre la conservación de imágenes devocionales. In: CONGRESO DEL GEIIC – La restauración en el siglo XXI: función, estética e imagen. 4., Cáceres, 2009. p. 241-248.

Figura 1: Exposição Brasil Decolonial. Museu Histórico Nacional



Fonte: Curadoria - Equipe Projeto ECHOES: Márcia Chuva, Aline Montenegro Magalhães, Brenda Coelho Fonseca, Fernanda Castro, Keila Grinberg, Leila Bianchi Aguiar e Valéria Abdalla.  
Disponível em: <https://exporvisoes.com/2022/05/27/sobre-sonhos-que-sonhamos-juntos-parte-2-brasil-decolonial-outras-historias/> acesso em 05.06.2023, às 19h43.

Noutro exemplo, do ano de 2019, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) inaugurou o projeto Arte e Descolonização coordenado por André Mesquita e Mark Lewis, com apoio no desenvolvimento de pesquisas realizadas pelo MASP e pelo Centro de Pesquisa Afterall, da British Academy e da Universidade de Artes de Londres. A realização de um seminário promoveu um amplo debate sobre as narrativas oficiais e o paradigma eurocêntrico no campo da arte, além de problematizações sobre os acervos, coleções e projetos de exposições, bem como sobre tendências e propostas de práticas artísticas e curatoriais, em leituras críticas aos legados coloniais na arte. Neste debate, outras experiências de projetos expositivos em ambientes de arte colonial foram realizadas no Museu de Arte Sacra de Pernambuco, no Museu de Arte Sacra de São Paulo, e no Museu de Arte Sacra da UFBA, em Salvador – BA. Os temas da Cultura e Representação, Pensamento Decolonial e Antirracismo, Identidade e Religiosidade, convergiram nos espaços tradicionalmente consagrados às esculturas devocionais.

Figura 2: Exposição Santos Negros. Museu de Arte Sacra de Pernambuco



Fonte: Curadoria – Rinaldo Pereira e Dió Diniz. Disponível em:  
<https://www.arquidioceseolindarecife.org/museu-de-arte-sacra-inaugura-exposicao-santos-negros-2011/>Acesso em 05.06.2023, às 19h55

Figura 3: Exposição Urubu-Ka’apor. Museu de Arte Sacra de São Paulo



Fonte: Curadoria de Beatriz Cruz e com a colaboração do Museu Índia Vanuíre, da cidade de Tupã/SP.  
Disponível em: <http://museuartesacra.org.br/urubu-kaapor/>  
acesso em 05.06.2023, às 20h04

Figura 4 – Exposição Hãhãw: Arte Indígena Antirracista. Museu de Arte Sacra da UFBA



Fonte: Curadoria coletiva projeto de pesquisa sobre culturas de antirracismo na América Latina, (CARLA), sediado na Universidade de Manchester, no Reino Unido, e que aproxima uma rede de universidades na América do Sul: a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Nacional da Colômbia e a Universidade Nacional de San Martín. Disponível em: <https://ihac.ufba.br/pt/35429/> acesso em 05.06.2023, às 20h13.

Outrossim, no tocante aos teóricos, assim como propôs Achille Mbembe ((2019, a *sair(mos) da grande noite*, uma metáfora em que o autor camaronês utiliza para pensar a descolonização e, subseqüentemente, a decolonialidade, está colocado o exercício de se observar como as matrizes coloniais se perpetuam no mundo contemporâneo, conforme inferiu o sociólogo Aníbal Quijano (2010), e como superar as idiossincrasias e as contradições por elas produzidas. E é neste sentido que a perspectiva decolonial ultrapassou o século XX e se consolidou no limiar do século XXI, ao apresentar paradigmas que ampliaram e problematizaram as fronteiras do Conhecimento moderno, como legado do Positivismo. No campo da História Social da Arte, nota-se um rompimento paulatino com o viés hegemônico, exclusivista e colonial, na direção de um alargamento que busca acolher uma realidade complexa. Neste sentido, uma questão: é possível inserir as análises da escultura devocional neste debate? Na verdade, as iconografias de arte colonial, nesta chave de leitura, possibilitam problematizações sobre a sociedade colonial, evidentemente. Contudo, de que forma auxiliam nos estudos sobre os discursos de uma hegemonia política, paradoxalmente, nelas contidas, e

sobreviventes no mundo contemporâneo, parafraseando Didi-Huberman (2013) em “A imagem sobrevivente” ...(?).

E embora observemos a criteriosa operação para os riscos de um olhar anacrônico, não há como manter invisibilizados ou silenciados os contextos de dominação, de dor e de exclusão que estão como pano de fundo, nos mesmos cenários e contextos das esculturas devocionais das sociedades coloniais. De fato, não é um exercício simples, tampouco confortável conviver com tal dicotomia, ou seja, se há o esplendor, as complexidades e o fascínio da arte colonial do mundo barroco, não se pode esquecer sua coexistência com as agruras do colonialismo. E se nos deslocarmos para o mundo que um dia foi Metrópole assistimos aos efeitos de tais processos históricos, como as demandas por repatriação de obras de arte de museus e de instituições europeias aos seus núcleos de origem, notadamente nas sociedades colonizadas.

Para além do conceitual, estamos num campo político e este parece ser um caminho sem volta, pois há um debate em andamento, com tensões estabelecidas, entre desafios e inovações, e que chegam aos nossos objetos de investigação e pesquisa, em histórias que perpassam pelas esculturas devocionais, em suas ambiguidades ou dualidades, desde os aspectos técnicos aos estudos visuais, simbólicos ou estéticos, como é o caso das esculturas em marfim (BAILEY e MASSING 2013) que já não podem ser lidas sem o crivo da história ambiental ou dos estudos africanos, no tocante ao extermínio dos animais, promovidos pela lógica colonial.

Paradoxalmente está aqui a maior riqueza das esculturas devocionais, por serem repositórios das complexidades históricas, artísticas, políticas e, sobretudo, também locus de narrativas sociais. Todavia potencializadas pelo trabalho educativo dos acervos e dos museus, ambientes por excelência, voltados à educação patrimonial e ao ensino da História, na produção de sentidos e na construção de uma memória social, tornam-se instrumentos pedagógicos na tarefa de um ensino-aprendizagem para a construção de um pensar historicamente, na descolonização do pensamento (SANTOS 2010). Claro está que as hagiografias e a análise formal estão implícitas nas atividades dos educadores, mas não esgotam a tarefa, ao contrário. Na proposta da abordagem triangular (observar / contextualizar / recriar), Ana Mae Barbosa indicou alternativas de práticas de ensino que viabilizam, por exemplo, os usos pedagógicos e suas adequações no trabalho com as esculturas devocionais.

Desse modo, quer seja pela práxis metodológica de pesquisadores, ou pelo mero deleite da observação que as esculturas votivas venham a despertar, é possível considerar, à partir da descolonização da História, dos mitos historiográficos e da decolonialidade, o despertar de um olhar que busque revisitar o passado colonial e suas ambivalências presentes na subjetividade



da escultura devocional, para se repensar as sociedades pós coloniais, contemporâneas e globalizadas, em permanente ebulição, frente aos fenômenos dos racismos e das intolerâncias múltiplas, entre as quais as intolerâncias religiosas explicitadas em diversas práticas de crimes, cujos embriões encontram-se na Casa Grande, nas Senzalas, e nas sacristias das elites coloniais.

Contudo, ainda que seja um caminho desafiador, há um fator de propulsão e de inovação nesta tarefa: o trabalho de uma arte-educação e de uma educação patrimonial à luz de uma História crítica e comprometida com as ações afirmativas. Obviamente que trata-se de um percurso a ser compreendido e pedagogicamente planejado. E embora já não haja dúvidas que ao se trabalhar com as esculturas devocionais dos “santos pretos”, por exemplo, não seja possível fugir das questões da representatividade afrodescendente, nem do papel da História da África nestes processos, como lembra a historiadora Maria Antonieta Antonacci (2014), nos distintos contextos dos espaços das sociedades pós-coloniais, nas Américas e no Caribe, além das muitas áfricas que compõem o continente africano. Ou ainda no sul da Ásia, com todas as possibilidades que emergem nas conjunturas do Estado da Índia, com ênfase na Índia portuguesa, um caminho vem sendo percorrido na construção destes diálogos, à exemplo do trabalho de Rui Oliveira Lopes<sup>4</sup>, *Arte e Alteridade. Confluências da Arte Cristã na Índia, na China e no Japão, sec. XVI a XVIII*. De fato, é possível – e necessário, que outros e novos olhares sejam lançados sobre as esculturas devocionais, ou seja, em perspectivas interdisciplinares e transdisciplinares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem decolonial não é uma retórica, tampouco uma tendência historiográfica, simplesmente. Trata-se de um embate muito mais amplo e profundo do que supomos saber, no qual não estão dissociadas a luta antirracista, a defesa dos valores democráticos, os incentivos aos esforços por políticas públicas de preservação dos acervos, arquivos e instituições de Cultura e de Patrimônio, além do imprescindível e contínuo investimento em Educação e Pesquisa<sup>5</sup>, pois constituem condição *sine qua non*, para que tais avanços inevitavelmente,

---

<sup>4</sup> Arte e Alteridade. Confluências da Arte Cristã na Índia, na China e no Japão, sec. XVI a XVIII. Doutorado em Belas-Artes (Especialidade em Ciências da Arte). Tese orientada pelo Professor Doutor Fernando António Baptista Pereira. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011.

<sup>5</sup> Aliás, se a discussão que aqui apresentamos está hoje em curso, certamente decorre do crescimento da produção científica brasileira, que se tornou um expoente nos saltos quantitativos e qualitativos alcançados entre os anos de 2003 e de 2016. Nos contextos políticos que se sucederam a este período, o fechamento do Ministério da Cultura, e a asfixia imposta ao MEC, às agências de fomento e à produção científica no país, bem como o emblemático incêndio do Museu Nacional, em 02 de setembro de 2018, nos advertem para o resguardo e a defesa permanente das instituições públicas, guardiãs do patrimônio histórico e cultural da sociedade.

cheguem na educação básica, na formação continuada de professores/as e na produção de material didático.

Se os estudos e as pesquisas voltados para a Educação Patrimonial, onde inserem-se os trabalhos com as esculturas devocionais, exigem na formação dos jovens pesquisadores, as diversas formas de investimentos, tanto em relação ao fomento, quanto ao suporte institucional, nos programas de pós graduação, nas universidades, museus e centros de pesquisa, novos aportes teórico-metodológicos requerem a mesma atenção, não somente por suas conexões com as redes escolares e o universo da sala de aula, para além disso, transpõem-se aos muros das escolas, dos museus e das universidades para repercutir em cada cidadão/cidadã a percepção do quanto somos todos e todas responsáveis pelos bens culturais, pelo patrimônio, pela sociedade que buscamos construir enquanto artífices de um Devir que reconhece na Arte, certamente, uma das vias mais edificantes, entre as sendas do Conhecimento e os processos de tomada de consciência.

## REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. Memórias ancoradas em corpos negros, São Paulo: EDUC. 2014.

BAILEY, Gauvin Alexander; MASSING, Jean Michel; SILVA, Nuno Vassalo e. Marfins no Império português / Ivories in the Portuguese empire . Lisboa: Scribe, 2013

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Muryatan. S. A crítica pós-colonial no pensamento indiano contemporâneo. Afro-Ásia, Salvador, n. 39, 2009.

BELL, Julian. Uma nova história da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. In: *À Beira da Falésia*. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

LOPES, Rui Oliveira. Arte e Alteridade. Confluências da Arte Cristã na Índia, na China e no Japão, sec. XVI a XVIII. Doutorado em Belas-Artes (Especialidade em Ciências da Arte). Tese orientada pelo Professor Doutor Fernando Antonio Baptista Pereira. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011.

LÚZIO, Jorge. Por uma descolonização da imagem: o marfim africano na arte colonial do Oriente. São Paulo: Editora: E-manuscrito / Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2023.

MBEMBE, Achille. Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada. Trad. Ribeiro, Fábio. Petrópolis: Vozes, 2019.

PIFANO, Raquel Q. Arte e catequese: a escultura devocional de Aleijadinho. In: *Cultura Visual*, n. 16, dezembro/2011, Salvador: EDUFBA, p. 11-23.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de S. e MENESES, Maria Paula. (orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

QUITES, Maria Regina Emery. Esculturas devocionais: reflexões sobre critérios de conservação restauração. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2019.

SAID, Edward. Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a pensamento uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; e MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SIRACUSANO, Gabriela. Entre Ciencia y Devoción. Reflexiones teóricas e históricas sobre la conservación de imágenes devocionales. In: CONGRESO DEL GEIIC – La restauración en el siglo XXI: función, estética e imagen. 4., Cáceres, 2009. p. 241-248.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JUNIOR, Benjamim (org). Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismos & outras misturas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.